

Capítulo Primeiro

À maneira de introdução: alguns pormenores da biografia do venerado Stepan Trofímovitch Verkhovenski.

I

Ao iniciar a descrição de acontecimentos recentes e tão estranhos ocorridos na nossa cidade, que até agora não tinha nada que a distinguisse, vejo-me forçado, devido à minha inabilidade, a começar um pouco de longe, concretamente por alguns pormenores biográficos do talentoso e venerado Stepan Trofímovitch Verkhovenski. Que estes pormenores façam apenas as vezes de introdução à crónica que proponho; a própria história que tenciono contar virá mais adiante.

Digo com franqueza: Stepan Trofímovitch desempenhou constantemente entre nós um papel um tanto especial e, por assim dizer, cívico, e gostava desse papel com paixão — acho até que sem esse papel não poderia viver. Não é que eu o compare a um actor de teatro. Deus me livre, tanto mais que eu próprio o respeito. Tudo pode ter sido uma questão de hábito ou, melhor dizendo, uma questão de inclinação constante e nobre, desde a infância, para um agradável sonho acerca da sua bela posição social. Por exemplo, gostava da sua condição de «perseguido» e, por assim dizer, de «deportado». Estas duas palavras têm uma espécie de prestígio clássico que o seduziu de uma vez para sempre, e, elevando-o depois gradualmente aos seus próprios olhos, ao longo de tantos anos, ergueu-o por fim a um pedestal extremamente elevado e agradável para o seu amor-próprio. Num antigo romance inglês do século passado, um certo Gulliver, ao regressar do país dos liliputianos, onde as pessoas tinham pouco mais de três polegadas de altura, habituou-se de tal modo a considerar-se um gigante entre eles que, ao caminhar pelas ruas de Londres, gritava involuntariamente aos transeuntes e aos cocheiros das carruagens para que tivessem cuidado e se desviassem da sua frente, para que

ele os não esmagasse, imaginando que continuava a ser ainda um gigante e eles pequeninos. Por isso se riam dele e o injuriavam, e os cocheiros rudes até fustigavam o gigante com os chicotes; mas era isso justo? O que não consegue o hábito fazer? O hábito levou Stepan Trofímovitch quase à mesma situação, mas de uma maneira ainda mais inocente e inofensiva, se assim se pode dizer, porque ele era um excelente homem.

Penso mesmo que perto do seu fim toda a gente e em toda a parte o tinha esquecido, mas não se pode de modo nenhum dizer que dantes o não conhecessem. É indiscutível que também ele pertenceu durante algum tempo à famosa plêiade de personalidades da nossa anterior geração, e durante algum tempo — de resto, apenas por um breve momento — o seu nome era proferido por algumas pessoas apressadas de então quase ao lado dos nomes de Tchaadáiev, Bielinski, Granovski e de Herzen², que por então iniciava a sua actividade no estrangeiro. Mas a actividade de Stepan Trofímovitch terminou quase nesse mesmo instante em que tinha começado, por assim dizer, em consequência de um «turbilhão de circunstâncias». E então? Não só não houve «turbilhão», como nem sequer houve circunstâncias, pelo menos neste caso. Só agora, há poucos dias, vim a saber para meu grande espanto, mas então já com toda a certeza, que Stepan Trofímovitch não tinha vivido entre nós, na nossa província, como deportado, ao contrário daquilo que nós continuávamos a pensar, e nem sequer esteve nunca sujeito a qualquer vigilância. Depois disto, vejam lá que coisa é a imaginação! Ele próprio acreditou sinceramente, toda a sua vida, ser uma constante causa de receio em certas esferas, que os seus passos eram objecto de contínua vigilância e que cada um dos três governadores que se sucederam nos últimos vinte anos, ao chegar para governar a província, já trazia consigo uma ideia especial e preocupada sobre ele, que lhe era incutida de cima, em especial na transmissão do cargo. Se alguém tivesse tentado então convencer o honesto Stepan Trofímovitch, por meio de provas irrefutáveis, de que nada tinha a recear, ele ficaria certamente ofendido. E, contudo, era um homem muito inteligente e muito dotado até, um homem de ciência, por assim dizer, embora em ciência... bem, numa palavra, em ciência não tenha feito grande coisa e, ao que parece, absolutamente nada. Mas entre nós, na Rússia, isso acontece a cada passo com os homens de ciência.

Ao regressar do estrangeiro obteve uma cátedra na universidade, onde brilhou como lente já no final dos anos quarenta. Mas consegui dar apenas algumas poucas conferências e, ao que parece, acerca dos árabes; consegui também defender uma brilhante dissertação sobre a importância política e hanseática da pequena cidade alemã de Hanau entre 1413 e 1428, e também sobre as circunstâncias particulares e pouco claras que impediram o seu desenvolvimento. Essa dissertação hábil feriu seriamente os eslavófilos da época e valeu-lhe muitos e furiosos inimigos entre eles. Mais tarde — aliás, já depois de ter perdido a sua cátedra — publicou (como que para se vingar e para mos-

trar quem era o homem que tinham perdido) numa revista mensal progressista, que traduzia Dickens e propagava George Sand, o princípio de um estudo aprofundado — ao que parece, sobre as causas da invulgar nobreza moral de não sei que cavalheiros numa certa época ou qualquer coisa no género. Seja como for, desenvolvia um qualquer pensamento invulgarmente elevado e nobre. Dizia-se mais tarde que a continuação do estudo fora imediatamente proibida e que até a revista progressista tivera problemas por ter publicado a primeira parte. É muito possível, pois que coisas não aconteciam naquele tempo? Mas, neste caso, o mais provável é que nada tenha acontecido e que o próprio autor, por preguiça, não tenha terminado o estudo. Mas ele pôs fim às suas conferências sobre os árabes porque alguém, não se sabe como nem quem (evidentemente algum dos seus inimigos retrógrados), interceptou uma carta sua enviada a certa pessoa em que expunha determinadas «circunstâncias», motivo pelo qual alguém lhe exigiu certas explicações. Não sei se é verdade, mas afirmava-se também que em Petersburgo foi descoberta nessa mesma época uma vasta organização antinatural e anti-estatal, de umas treze pessoas, e que por pouco não abalou todo o edifício. Dizia-se que se preparavam para traduzir o próprio Fourier³. Como que de propósito, nesse mesmo tempo foi também apreendido em Moscovo o poema de Stepan Trofímovitch, escrito em Berlim seis anos antes, na sua primeira juventude, e que circulava em cópias de mão em mão entre dois poetas amadores e um estudante. Esse poema está agora em cima da minha mesa; recebi-o no ano passado do próprio Stepan Trofímovitch, numa cópia recente feita pela sua mão, com a sua dedicatória e numa excelente encadernação em marroquim vermelho. A obra, de resto, não deixa de ter alguma poesia e até revela algum talento; é um tanto estranha, mas naquele tempo (quer dizer, mais precisamente nos anos trinta) escrevia-se muitas vezes nesse estilo. Tenho alguma dificuldade em dizer qual é o tema, porque na verdade não percebo nada. É uma espécie de alegoria em forma lírico-dramática que faz lembrar a segunda parte do *Fausto*. A cena abre com um coro de mulheres, depois um coro de homens, depois um coro de umas quaisquer forças, e no fim de tudo um coro de almas que ainda não viveram mas que têm uma grande vontade de viver. Todos estes coros cantam acerca de qualquer coisa muito imprecisa, principalmente acerca da maldição de alguém, mas com um matiz de elevado humor. Porém, a cena muda de repente e começa uma espécie de «Festa da vida» em que até os próprios insectos cantam, aparece uma tartaruga que profere algumas palavras sacramentais em latim, e até, se bem me lembro, um mineral, ou seja, uma coisa essencialmente inanimada, começa também a cantar. Em geral, todos cantam sem parar, e quando falam é para se injuriarem sem se saber porquê, mas também aqui com um matiz da maior elevação. Por fim, a cena muda de novo e surge um lugar selvagem, onde um jovem civilizado deambula entre penhascos, arrancando e chupando umas ervas; e a uma fada que lhe pergunta porque chupa aquelas

ervas responde que, sentindo em si um excesso de vida, procura o esquecimento e encontra-o no suco daquelas ervas; mas que o seu maior desejo é perder o mais depressa possível a razão (um desejo talvez supérfluo). Depois aparece de repente um jovem de uma beleza inaudita montado num cavalo preto, seguido por uma imensa multidão de todos os povos. O jovem representa a morte e todos os povos anseiam por ela. Por fim, já na última cena, surge de repente a Torre de Babel, uns atletas que acabam de construí-la cantando uma canção de nova esperança, e quando estão já mesmo a terminá-la, o senhor, digamos que do Olimpo, foge de maneira cómica e a humanidade, adivinhando o que se passa, ocupa o lugar dele e inicia uma nova vida com uma nova compreensão das coisas. Pois este poema foi na altura considerado perigoso. No ano passado propus a Stepan Trofímovitch que o publicasse, visto ser completamente inofensivo no nosso tempo, mas ele recusou a proposta com evidente desagrado. A minha opinião de que o poema era completamente inofensivo não lhe agradou, e até atribuo a isso uma certa frieza dele para comigo, que se prolongou por dois longos meses. E então? De repente, quase na mesma altura em que eu propunha que o publicasse aqui, publicavam o nosso poema *lá*, quer dizer, no estrangeiro, numa colectânea revolucionária e sem o consentimento de Stepan Trofímovitch. A princípio ele ficou assustado, foi falar com o governador e escreveu para Petersburgo uma carta justificativa cheia de nobreza, leu-a duas vezes mas não a enviou por não saber a quem a endereçar. Em suma, andou inquieto um mês inteiro; mas estou convencido de que nos meandros secretos do seu coração estava extremamente lisonjeado. Pouco faltava para dormir com o exemplar da colectânea que lhe havia sido enviado; durante o dia escondia-o debaixo do colchão e nem deixava a criada fazer a cama; e embora esperasse todos os dias um telegrama, mantinha-se confiante. Mas não chegou nenhum telegrama. Foi então que ele fez as pazes comigo, o que prova a extraordinária bondade do seu coração, manso e sem rancor.

II

Não afirmo, é claro, que ele nunca sofreu nada; mas agora estou inteiramente convencido de que podia ter continuado a falar dos seus árabes quanto quisesse, dando apenas as explicações necessárias. Mas a sua vaidade levou-o então a convencer-se com especial pressa de que a sua carreira tinha sido arruinada para toda a vida pelo «turbilhão das circunstâncias». Mas, para dizer a verdade, a causa real da mudança na sua carreira foi uma delicada proposta, que já antes lhe havia sido feita e então renovada por Varvara Petrovna Stavróguina, esposa de um tenente-general e rica proprietária, para que se encarregasse da educação e de todo o desenvolvimento espiritual do seu único filho, na qualidade de superior pedagogo e amigo, para já não falar da brilhante remuneração.

Essa proposta foi-lhe feita pela primeira vez ainda em Berlim, precisamente na altura em que ele acabava de enviuvar pela primeira vez. A sua primeira esposa era uma rapariga frívola da nossa província, com quem se casou na sua primeira juventude ainda irreflectida, e ao que parece sofreu com essa jovem, aliás muito atraente, bastantes dissabores por falta de meios para a sustentar, e além disso por outras causas mais melindrosas. Ela faleceu em Paris, três anos depois de se ter separado dele, deixando-lhe um filho de cinco anos, «fruto do primeiro amor, cheio de alegria e ainda não ensombrado», como Stepan Trofímovitch deixou escapar uma vez à minha frente, cheio de tristeza. O pequeno foi imediatamente enviado para a Rússia, onde foi sempre educado pelos cuidados de umas tias afastadas, algures numa província do interior. Stepan Trofímovitch recusou então a proposta de Varvara Petrovna e depressa voltou a casar-se, com uma taciturna alemã de Berlim, ainda antes de um ano de viuvez, e principalmente sem qualquer necessidade especial. Mas, além dessa, havia outras razões para recusar o lugar de educador: tentava-o a retumbante glória de um professor inesquecível então muito célebre, e voou ele próprio para uma cátedra para que se tinha preparado, a fim de experimentar também as suas asas de águia. E agora, já com as asas desfeitas, lembrou-se naturalmente da proposta que já antes o fizera hesitar na sua decisão. A morte inesperada da sua segunda mulher, que não chegara a viver um ano com ele, decidiu tudo definitivamente. Direi sem rodeios: tudo se resolveu pela calorosa simpatia e pela amizade preciosa, clássica, por assim dizer, de Varvara Petrovna, se assim se pode falar da amizade. Lançou-se nos braços dessa amizade e o assunto consolidou-se por um pouco mais de vinte anos. Usei a expressão «lançou-se nos braços», mas Deus livre alguém de pensar em qualquer coisa ociosa e equívoca; esse abraço deve ser entendido apenas no sentido mais elevado. Um laço extremamente delicado e subtil ligou para sempre estes dois seres tão notáveis.

O lugar de preceptor foi aceite também porque a pequena propriedade — muito pequenina — deixada pela primeira esposa de Stepan Trofímovitch era mesmo ao lado do domínio dos Stavróguin na nossa província. Além disso, era sempre possível, no silêncio do gabinete e já desligado das imensas ocupações universitárias, dedicar-se à causa da ciência e enriquecer a literatura nacional com estudos profundos. Não houve estudos; mas em contrapartida teve a possibilidade de se erguer para o resto da vida, mais de vinte anos, por assim dizer, como a «encarnação de uma censura» diante da pátria, segundo a expressão do poeta nacional:

Encarnação de uma censura

.....

Diante da pátria te erguias,
Liberal idealista.⁴